



## EDITORIAL

**O limite do homem: tecnologias possíveis de nós**Róger Albernaz De Araujo<sup>1</sup>

## Caras Leitoras e Caros Leitores

A industrialização da estética humana, essa modelagem de uma imagem acrílica do homem, delimita uma forma de consumo e alcança seu ápice na contemporaneidade. A disseminação midiática, aliada a cultura do corpo sadio e da ideia da possibilidade de manutenção de um estado permanente de felicidade, acabaram por comercializar a imagem de humanidade na qual acreditamos. Assim, perseguimos uma juventude indelével, esculpida em academias; buscamos mais contatos nas redes sociais, desejamos mais *likes*, precisamos ver e ser vistos; vivemos a compulsão de nos mantermos conectados; caçamos os mínimos sintomas de tristeza, de ansiedade, e os atenuamos com drogas, com álcool e com fármacos diversos. Fazemos parte de uma edificação imagética do ser; somos produtos de um ideal de ser, que atua como matriz de referência daquilo que devemos representar esteticamente enquanto corpos e mentes. Desse modo, o ser passa a ter ideias e ideais determinados, acessíveis em uma espécie de prateleira de itens disponíveis ao consumo. Isso produz a imagem naturalizada do homem, que serve de parâmetro do que devemos ser. Ou seja, somos produtos selecionados e classificados em um escopo coletivo, que estabelece o modelo universal do qual nos tornamos devedores. Mas, por se tratar de um regime orientado ao consumo, podemos escolher quem queremos ser, a partir das variantes que constituem as zonas de diversidades, que tornam particulares as universalidades.

Ocupamos um tempo e um espaço regido por tecnologias, que excedem o escopo dos eletrônicos e das redes de comunicação. Nos deparamos, assim com situações em que dilatamos as fronteiras humanas e tornamo-nos convictos de determinadas posições e opiniões; assumimos e defendemos discursos, desejos e convicções. Mas, a possibilidade de emitir opinião sobre tudo, não transcende o limite do homem, e, sim, aquiesce um contexto de posições que chegam a beirar a banalidade.

O mundo evoluiu muito tecnologicamente, mas, talvez não tenhamos acompanhado esses avanços. Isso reflete uma característica intrínseca à humanidade, que não poupa esforços no sentido de, insistentemente, gerar componentes extensivos ao homem, como forma de compensar suas inerentes limitações. As próteses humanas não são uma novidade e compõem o percurso da humanidade desde a pré-história até a composição dos ambientes de realidade virtual e das redes sociais. Todavia, mais do que compor intervalos fechados da trajetória humana, entre uma origem e a posição atual, esses dispositivos aviltam os limites do homem. O que se torna latente, é que

<sup>1</sup> Professor do Instituto Federal Sul-rio-grandense – IFSul, Câmpus Pelotas, Doutor em Educação, Coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEdu) – IFSul, Pelotas/RS, Brasil. E-mail: [roger@pelotas.ifsul.edu.br](mailto:roger@pelotas.ifsul.edu.br)



estamos envoltos em sensações limitadoras entre o que devemos ser, e o que efetivamente podemos. Obstinação que somos, recorrentemente tensionamos um além do homem – uma novidade aqui, um outro modo de relação ali, um novo dispositivo de conexão acolá. Usufruímos de um quase ilimitado leque de possibilidades tecnológicas de conexão, ao ponto de banalizarmos essa noção estratégica da condição humana.

Ocupamos um tempo de excessivos ruídos, de frágeis posições, de recorrentes frustrações. Talvez seja isso: o que evoluiu foi o ambiente tecnológico que circunscreve nosso entorno, sem que nós pudéssemos acompanhar esse movimento, o que acaba por nos fragilizar ainda mais. O momento é de globalização das atividades produtivas e das relações de consumo nos mais diversos segmentos. Isso acaba por submeter a humanidade a um regime compulsivo de produção de um “sempre mais”, que faz ascender um estado permanente de falta. Produzimos círculos de ansiedade com os quais constituímos a imagem de nossos quotidianos. Estamos onde não estamos; desejamos estar onde não sabemos; escutamos o que queremos; dizemos o que imaginamos; acreditamos no que imaginamos seja a verdade, seja o caminho e seja a vida.

Nos especializamos em um certo tipo de produção neurótica de quotidianos; fomos fragmentados em pontos de conexão que nos perfuram a carne e nos tensionam, contínua e permanentemente em todas as direções. Estamos enredados à feixes de *bits* e de *bytes*, que percorrem e adentram a superfície cutânea até invadirem os órgãos mais internos. Todavia, é o cérebro que sofre os maiores efeitos, ao ponto de fabularmos com ele o que pensamos que somos, o que acreditamos que somos, e o que, por convicção devemos assumir como a assunção da verdade notória e inquestionável. Isso nos torna reféns de uma tríade que rebate em si mesma: verdade, convicção e besteira. Tríade que não só circula, mas também circunda a imagem do homem que se ergue como ídolo. Talvez, nunca dantes tenhamos sido tão bestas, tão bastardos e tão inbecilizadas. O certo é que habitamos realidades absolutamente codificadas com as quais estabelecemos relações que beiram a ingenuidade. Nos deslocamos pelos mais diversos confins da terra, a partir de nossos dispositivos de confinamento doméstico; enclausurados, protegidos e solitários. Vivemos o paradoxo de uma solidão acompanhada de muita gente. Podemos ir a qualquer lugar, comprar o que quisermos, navegar nas redes que quisermos; podemos assumir posições políticas, ambientais, de gênero no Brasil, na Noruega, na China, ou onde quisermos.

Não temos a pretensão, aqui, de produzir o desenho da “terra arrasada”; muito menos emitir juízos acerca dos supostos malefícios da tecnologia à humanidade. Desejamos, sim, suscitar a possibilidade de pensarmos um pouco mais acerca dos processos tecnológicos que nos compõem, enquanto aquilo que nos tornamos, quotidianamente; o que, via de regra, acaba por produzir um plano de fundo; um espaço de codificações que funcionam reativamente às relações às quais nos submetemos e às quais somos submetidos. E, o mais intrigante é não percebermos que isso acontece, visto que isso funciona em *back end*<sup>2</sup>: reações, gostos, posições, percepções, sentidos; sensações.

Ou seja, o que desejamos é poder pensar acerca desses processos tecnológicos envolvidos e implicados na produção humana. Nesse caso, é necessário salientarmos que aqui, o conceito de tecnologia transcende o uso corriqueiro, e se estabelece a partir da perspectiva de que aquilo que abstraímos de uma realidade, que traduzimos/interpretamos e que formalizamos de um modo

<sup>2</sup> Em termos das definições utilizadas pela computação e pela informática, um código que funciona em *back end*, funciona pela detecção de uma determinada situação, que aciona um gatilho que dispara a realização da função ou procedimento associados.



sistematizado, constitui-se em uma tecnologia. Assim, estamos envolvidos em processos tecnológicos de nós, daquilo que nos tornamos em meio as relações que constituímos. A problematização em voga questiona porque não formalizamos essas tecnologias. Talvez, porque não conseguimos operar com as questões tradutórias implicadas. Na maioria das vezes não traduzimos, porque não abstraímos, apenas consumimos abstrações já formalizadas por processos tradutórios anteriores, os quais exercem uma função, previamente definida e com finalidade determinada. Ou seja, não abstraímos a matéria tradutória necessária para formalizarmos uma posição singular, e sim, acionamos algo em nós que funciona sem que percebamos, reagindo a determinado evento, em conformidade com o que já está definido como reação esperada.

As tecnologias que dispomos não são criações divinas, caídas dos céus, mas efeitos de processos tradutórios de realidades, que foram formalizadas pelo homem, a partir uma determinada codificação/formalização, passando a funcionar como elementos que, cada qual ao seu modo, passaram a compor o nosso conjunto. Assim, do mesmo modo que conseguimos produzir eletroeletrônicos, obras de engenharia, melhoramentos genéticos, computadores, prédios com dezenas de andares, também podemos produzir versões outras de nós, com outras codificações, com outros modos de funcionamento.

Acontece que os avanços tecnológicos de que o homem dispõe hoje, produziram um distanciamento das possibilidades de abstração e de tradução de momentos simples do cotidiano, capturando possíveis singularidades; são muitos aparatos, aparelhos, normas, regras, valores. Mas, como podemos produzir tecnologias de nós, a partir de procedimentos tradutórios envolvidos nos percursos daquilo que nos tornamos? Se pudermos abstrair e traduzir os processos de codificação implicados nos modos de produção do que nos tornamos, podemos mais bem cuidar de nós? Essas problematizações são necessárias, como forma de podermos formalizar outros modos de nos relacionarmos com outros, inclusive de nós; com a vida, com a morte. Que venham novas tecnologias! Que possamos morar na Lua, em Marte ou em Urânio. Que possamos viver por duzentos anos. Entretanto, para além das tecnologias extensivas do homem, precisamos investir em tecnologias intensivas de humanidade, afinal diante de todas essas conquistas que, indubitavelmente, tornaram a vida mais fácil em certos sentidos, ainda continuamos enredados em nós mesmos, amordaçados por sensações e percepções de nós e do mundo que não entendemos, que desconhecemos, que não conseguimos traduzir. Afinal, qual é o limite do homem?

**Róger Albernaz De Araujo**